

A Universidade Federal de Goiás presta merecida homenagem ao seu ex-reitor, professor Ricardo Bufaiçal, falecido no dia 9 de abril. O professor serviu a instituição por 30 anos, ocupando seu cargo máximo entre 1990 e 1993. Sua gestão foi marcada pelo apoio prioritário às atividades acadêmicas, com destaque para as ações desenvolvidas no campo da pesquisa e da pós-graduação.

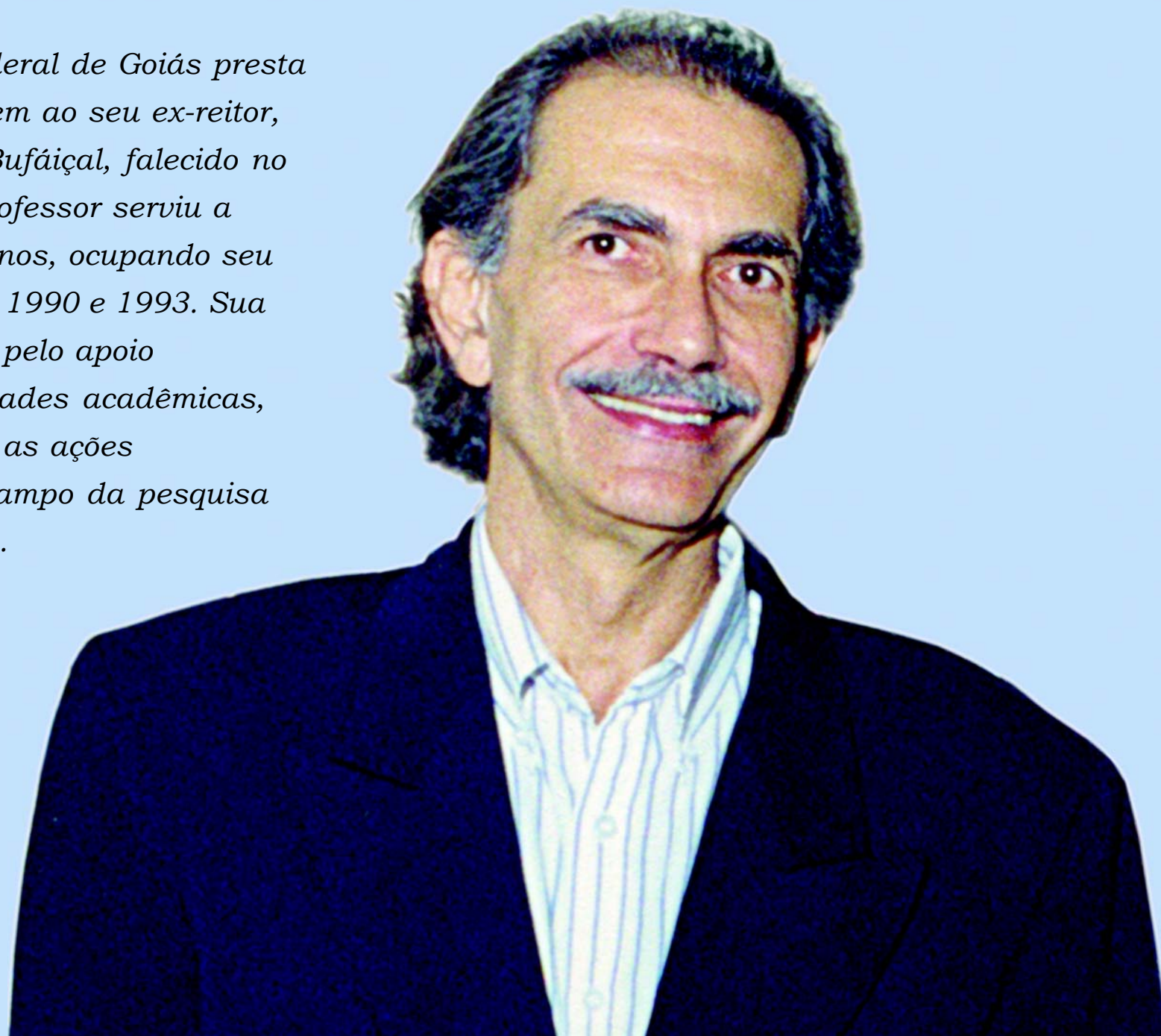


Foto: Arquivo

PERFIL

Uma vida dedicada à UFG

A Universidade Federal de Goiás era a praia do professor Ricardo Bufaiçal, declara sua esposa, a escritora Maria Lúcia Félix Bufaiçal. Para ele, era um prazer servir à instituição com a qual sua relação começou ainda na adolescência, em 1964, quando ingressou no curso de Engenharia Civil, aos 18 anos de idade. No mesmo ano, já lecionava a disciplina de Física no Colégio Universitário da UFG (atual Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – Cepae/Colégio de Aplicação) e em cursinhos particulares.

Nascido em 1945, em Goiânia, foi o melhor alu-

no da sala desde seu primeiro dia de aula. Sua inteligência era aguda, afirmam os que conviveram com ele. Descendente de sírios e libaneses, teve três irmãos. Foi casado por quase 36 anos e pai de quatro filhos: Rafael, João Luís, Leandro e Maria, “frutos de um amor que resistiu às transformações da vida”, afirma Maria Lúcia. Ainda criou uma sobrinha, Narayana, como se fosse sua.

Em 1970, foi contratado como professor do Instituto de Matemática e Física da UFG e, dois anos depois, licenciou-se do cargo para fazer o curso de Mestrado na PUC do Rio de Ja-

neiro. A universidade carioca era o mais avançado centro de pesquisas em Física do país. Enfrentar o curso foi uma atitude ousada, pois era formado em Engenharia. Mesmo assim, Ricardo se destacou. “Na defesa da dissertação, os professores da banca vinham me cumprimentar e dar parabéns pelo trabalho feito por ele”, recorda Maria Lúcia.

De 1978 a 1982, morou na Inglaterra, período em que fez doutorado em Física pela Universidade de Sheffield. Durante esses anos, conheceu boa parte da Europa, fato que colaborou para sua formação humanista.

“Ele não era um pessoa somente das ciências exatas, dos números e da precisão. Era também uma pessoa muito sensível”, destaca João Luís. Quando morreu, Ricardo estava lendo uma biografia de Benjamim Franklin, personagem que ele considerava genial. A obra hoje está guardada, como recordação, por seu filho mais velho, Rafael.

Quatro anos após o retorno ao Brasil, Ricardo assumiu a gerência do Escritório Técnico-Administrativo, atual Centro de Gestão do Espaço Físico (Cegef). Seu trabalho à frente do órgão foi um sucesso em relação a metas,

o que fez com que as pessoas o incentivassem a concorrer à Reitoria. Foi eleito e, ao final do seu mandato, aposentou-se. Depois de aposentado, dedicou boa parte do seu tempo às causas ambientais.

Faleceu aos 62 anos, vítima de um enfarte fulminante. O que consola seus familiares é saber que ele morreu ainda capaz de se indignar. Despojado de formalismos e com uma simplicidade comovente, Ricardo era uma pessoa que buscava, acima de tudo, ser íntegro, afirmam os amigos. “Era uma pessoa rara”, assim o define Maria Lúcia.



O legado de Ricardo Bufaiçal

Edward Madureira Brasil*

No último dia 9 de abril, a UFG se quedou perplexa por um acontecimento no mínimo inesperado: o falecimento de um dos maiores líderes de sua história, Ricardo Freua Bufaiçal. Os que o conheciam mais de perto poderiam ser levados a pensar que não passava de mais uma de suas travessuras, pois, entre os mais íntimos, raros são aqueles que não foram vítimas de peças pregadas pelo professor. Para desespero de seus admiradores, não se tratava de brincadeira, e a nossa querida UFG estava realmente menor, pois fora privada de um grande guerreiro. O único consolo para nós, que ficamos, é a certeza de que o nosso sempre reitor foi chamado para uma nova missão, desta vez em um plano superior.

É impossível falar de Ricardo Bufaiçal sem ressaltar suas qualidades que, por certo, dificilmente se encontram reunidas na maioria dos seres humanos. Na vastidão de seu legado destacam-se a sua inteligência, o seu caráter singular e a sua liderança agregadora, sábia, incontestada. Sabia como poucos se posicionar, de maneira elegante, articulada, respeitosa e, acima de tudo, ética. Por falar em ética, nele sempre tivemos o que de mais profundo esta qualidade pode expressar. Seja como filho, irmão, pai, esposo, amigo, professor, reitor, líder.

Por agir com coerência absoluta em tudo, não compactuava com favorecimentos ou com perseguições. Por inúmeras vezes prejudicou seus próprios interesses ou daqueles que o cercavam, por culto aos princípios enraizados na base de sua formação. Ricardo pode também ser traduzido por seu comprometimento e envolvimento nas discussões de temas de interesse social. Não raras vezes se embrenhou em lutas por causas diversas, fosse no âmbito da universidade, fosse no âmbito da sociedade, como, recentemente, dedicando-se às causas ambientais.

Materializo seu comprometimento com um exemplo que me é particularmente caro. Durante a campanha para reitor, no ano de 2005, da qual saímos vitoriosos, pude constatar o seu empenho e dedicação, tanto nas definições estratégicas quanto no dia a dia da campanha. Dedicação era, certamente, uma de suas principais marcas. Trabalhador incansável, capaz de comprometer sua saúde, como certamente o fez quando reitor, em nome daquilo que acreditava.

Ganhou notoriedade pela sua competência quando participou do reitorado do professor Joel Ulhoa, à frente do Escritório Técnico-Administrativo (ETA). Geriu recursos da ordem de 10 milhões de dólares, e foi o responsável pelo maior ciclo de crescimento físico já visto na UFG. Seu cuidado com o patrimônio público lhe rendeu, certamente, inimizades; seu rigor foi questionado por alguns que não enxergavam (ou não queriam enxergar) esta sua qualidade. Em função dessas virtudes, seu exemplo de gestor foi e é seguido por toda uma geração, seja de correligionários, seja de opositores.

Como reitor, dinamizou a pós-graduação, criando o primeiro curso de doutorado do Centro-Oeste, do qual tive o privilégio de fazer parte da primeira turma. Fortaleceu os *campi* do interior, criou o Programa de Iniciação Científica, deixando como marca a descentralização administrativa, atribuindo mais autonomia às unidades, órgãos e pró-reitorias. Dono de inteligência privilegiada, dosada com simplicidade e humildade, soube como ninguém conduzir de forma democrática os conselhos superiores da UFG, respeitando e implementando as decisões delas emanadas. Com todas essas virtudes, havia ainda lugar para outras. Uma delas era a discricção. Ricardo se empenhava, se dedicava, se fazia presente em todos os momentos, sem nunca fazer questão de chamar para si a atenção pelas suas realizações.

Outra virtude era o bom humor. Ricardo era capaz de virar a noite discutindo e defendendo seu ponto de vista, divergindo do interlocutor e contra-argumentando à exaustão, sem nunca perder a compostura e o respeito, e mesmo sem vencer e ser vencido, mantendo o sorriso no rosto.

Por fim, quero ressaltar outra característica, que a mim, particularmente, mais tocou: seu amor pela UFG. Defendeu ardentemente esta instituição durante toda a sua vida, elevou o nome da universidade por onde passou, cuidou como se cuida das coisas mais preciosas do mundo. Por isso, devemos reverência a esse nobre guerreiro. Que a chama deixada por Ricardo Bufaiçal ilumine para sempre sua família e sua UFG.

*Edward Madureira Brasil
Reitor da UFG



Ricardo: um cuidador

Orlando Afonso Valle do Amaral*

Uma vez, andando por uma trilha de sua matinha, ele me mostrava com orgulho as borboletas e dizia: "Aí está um sinal de que este espaço está preservado". Cuidou delas e salvou várias com sua tenaz e romântica luta contra uma forma de progresso que insiste em dizimá-las. Não deixou que sua mata e suas borboletas, e as matas, borboletas, bois, casas e histórias de seus vizinhos, às margens do Córrego Caldazinha, ficassem submersas sob as águas de um projeto imobiliário que queria inundar os 12 alqueires de seu refúgio preferido na terra. Mobilizou o povo da região, escreveu artigos, foi à Assembleia Legislativa e à Câmara dos Vereadores, em Goiânia e em Bela Vista, telefonou para todos, encomendou parecer de seus amigos geógrafos, antropólogos e ambientalistas. Ganhou esta luta! É verdade que perdeu outras também. Sabia ganhar e perder. Talvez por isto não fugia de nenhuma disputa, não se entregava ao argumento fácil e enganoso. Era militante de grandes causas, mas não tinha partido. Estava amargurado com o rumo da civilização e queria um mundo diferente. Tinha o espírito dos verdes e era simpático aos vermelhos. Impossível querer pintá-lo com tão poucas cores, pois na verdade Ricardo tinha luz e cor próprias!

A Maria Lúcia me disse que ele era um cuidador. E, pensando bem, era mesmo. Não médico, já que era engenheiro e físico de profissão, mas cuidador. Cuidava dela, do Rafael, do João Luís, da Maria, do Leandro, da Narayana, das árvores, dos bichos e das coisas. Quando o seu Neif, seu pai, esteve hospitalizado, passava a noite com ele no quarto do hospital e era, além de seu filho, seu enfermeiro. Davalhe o remédio e lhe fazia a higiene e me dizia que era hora de cuidar de nossos pais.

Querida saber de tudo que se passava na UFG nos mínimos detalhes. Gostava de uma discussão, do debate de idéias, de ir fundo nos argumentos. Foi assim durante sua gestão como reitor da UFG. Querida ler

cada página e cada linha de todos os processos que passavam pelo seu gabinete e encontrar nelas um erro que não poderia passar. Foi reitor durante o governo Collor, um período difícil para as universidades brasileiras, quando ao invés de uma expansão como vivemos hoje, o governo nos impunha uma redução de 30% nos quadros da UFG. Resistiu a esse e a outros desvarios e prosseguiu no seu sonho de transformar a UFG em uma universidade que, além do ensino, tivesse uma pesquisa e uma pós-graduação sólidas. Cuidou para que estas atividades, ainda incipientes na UFG na década de 90, tivessem o devido apoio institucional para assentarem suas bases e florescer no futuro.

Conduziu esta universidade com o mesmo rigor, postura ética e espírito democrático que compunham sua personalidade. Deixou sua marca, mostrou um norte, plantou uma semente que virou árvore. Aliás, plantou várias árvores. Literalmente! Todas estas árvores que hoje margeiam o anel viário do Campus Samambaia da UFG (mais de 5 mil mudas), e que o tornam tão bonito, foram plantadas quando ele era reitor. Inspeccionou o plantio de cada um destes maravilhosos flamboyants que tornam, em certa época do ano, apoteótica a nossa chegada ao câmpus. Querida que a pista de atletismo da Faculdade de Educação Física (construída em sua gestão) fosse ladeada por palmeiras imperiais que ele tanto amava. Alguém não cuidou delas direito, como ele saberia fazer, e apenas umas quatro palmeiras sobrevivem hoje. Acho que sua obsessão por tornar arborizados e floridos os espaços da UFG era uma de suas maneiras de cuidar e declarar o seu amor pela universidade. E como ele amou esta universidade! Como nas grandes histórias de amor, das óperas que escutava sempre, talvez, heroicamente, também tenha morrido um pouco por ela.

*Orlando Afonso Valle do Amaral

Pró-reitor de Administração e Finanças



Fotos: Arquivo

O Reitor em dois momentos: a esquerda, reunido com professores e com a equipe administrativa; a direita, recebendo um grupo de indígenas que participava de projetos da instituição, acompanhado do pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação à época, Lázaro José Chaves

Destreza administrativa à frente da Reitoria da UFG

Mesmo com restrições orçamentárias e crise política no país, Bufaiçal consegue inovar na administração pública

O professor Ricardo Freua Bufaiçal assumiu a Reitoria da Universidade Federal de Goiás (UFG) em janeiro de 1990 e dirigiu a instituição em um dos momentos mais conturbados da história recente do Brasil: o governo do presidente Fernando Collor de Mello. Esta coincidência impôs dificuldades administrativas e restrições orçamentárias que exigiram destreza da equipe que geriu a universidade.

O primeiro embate enfrentado pela gestão foi a exigência do governo federal de demissão de 30% de professores e servidores técnico-administrativos. “Gastou-se uma energia muito grande para contornar a situação e manter a universidade andando”, lembra o professor Nelson Cardoso do Amaral, atual assessor da Reitoria e que ocupava o cargo de pró-reitor de Administração e Finanças naquela época. Para gerenciar a falta de aporte financeiro, a estratégia era atender prioritariamente a parte acadêmica da instituição e não pagar contas como as de água, luz e telefone. Posteriormente, a administração da universidade levava os boletos atrasados ao Ministério da Educação (MEC) e fazia gestões ao Ministério da Fazenda por mais recursos.

No mesmo período, houve também a extinção da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), agência financiadora de programas de pós-graduação do país, que ficou fora de atividade por um período de um mês. A UFG, liderada por Ricardo Bufaiçal, juntou-se às demais universidades do país e participou ativamente das mobilizações para reverter a medida.

Outro complicador foi a reforma da Previdência do governo Collor, que fez com que centenas de servidores entrassem com pedido de aposentadoria por receio de



Professor Ricardo inaugura obra no período em que ocupava a gerência do Escritório Técnico-Administrativo, atual Cefeg. No cargo, coordenou a aplicação de U\$ 10 milhões em investimentos de infra-estrutura

mudanças nas regras previdenciárias. Como não havia reposição imediata dos cargos, a universidade sofreu com a falta de pessoal para os quadros administrativo e docente. A situação somente foi

revertida após o *impeachment* de Collor, em 1992.

Recém empossado, o governo federal presidido por Itamar Franco, iniciou a liberação de vagas para as universidades. A

UFG, então, aproveitou o momento para discutir a melhor maneira de alocar os docentes. Sob a condução de Bufaiçal, foi criada uma modelagem mais sofisticada para distribuir os professores e os recursos para as unidades acadêmicas, que levava em conta indicadores de ensino, pesquisa e extensão praticados em cada uma delas. O sistema, que vigora até hoje, recebeu o prêmio da Escola Nacional de Administração Pública (Enap) na área de inovação administrativa e serviu de modelo para outras instituições.

A experiência administrativa de Ricardo Bufaiçal, no entanto, começou antes de ele se tornar reitor da UFG. Na gestão do professor Joel Ulhôa, assumiu a gerência do Escritório Técnico-Administrativo (ETA) da UFG, atual Centro de Gestão do Espaço Físico (Cefeg-UFG).

Como gerente do ETA, coordenou a aplicação de mais de 10 milhões de dólares na universidade, oriundos de um acordo firmado entre o MEC e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), denominado MEC/BID III. Entre as várias obras realizadas com os recursos, destacam-se a construção da biblioteca da universidade; do Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública (IPTSP); das faculdades de Odontologia, de Farmácia e de Enfermagem e Nutrição, que hoje funcionam separadamente; do Instituto de Artes, dividido em Escola de Música e Artes Cênicas e Faculdade de Artes Visuais; da Divisão de Transportes; do Departamento do Material e Patrimônio (DMP); do Centro de Manutenção de Equipamentos (Cemeq); e do Centro Editorial e Gráfico (Cegraf). Foram 36 mil metros quadrados de área construída e outros 7,5 mil metros quadrados reformados.

Em sua gestão na Reitoria foram construídos, com recursos da própria universidade, os Centros de Convivência dos câmpus I e II, a Casa do Professor Visitante e a Casa do Estudante III. Também foram plantadas mais de 10 mil mudas de árvores no Câmpus Samambaia.

Incentivo às atividades de produção científica

Para Bufaiçal, o tamanho de uma instituição é medido pela quantidade e qualidade da ciência que ela produz. Sua gestão foi dedicada ao desenvolvimento de pesquisas e à pós-graduação

Já no ato de posse, realizado no Teatro Goiânia no dia 06 de janeiro de 1990, ficou explícita a marca que o professor Ricardo Bufaiçal queria dar para sua gestão à frente da UFG: uma administração voltada para o lado acadêmico. O plano de trabalho, distribuído na solenidade, estabelecia como prioridades o crescimento da instituição nas áreas de pesquisa e pós-graduação.

“Naquela época, a UFG era uma universidade já consolidada na área de ensino, porém, ainda era incipiente enquanto produtora científica”, afirma o professor Lázaro José Chaves, da Escola de Agronomia e Engenharia de Alimentos, que ocupava o cargo de pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação na época. A instituição tinha somente oito cursos de mestrado e nenhum de doutorado, além de seu quadro docente ser composto por um quantitativo pequeno de professores doutores (40%).

Ainda no primeiro mês de gestão o plano começou a ser executado. E a primeira medida tomada foi a criação do Programa Institucional de

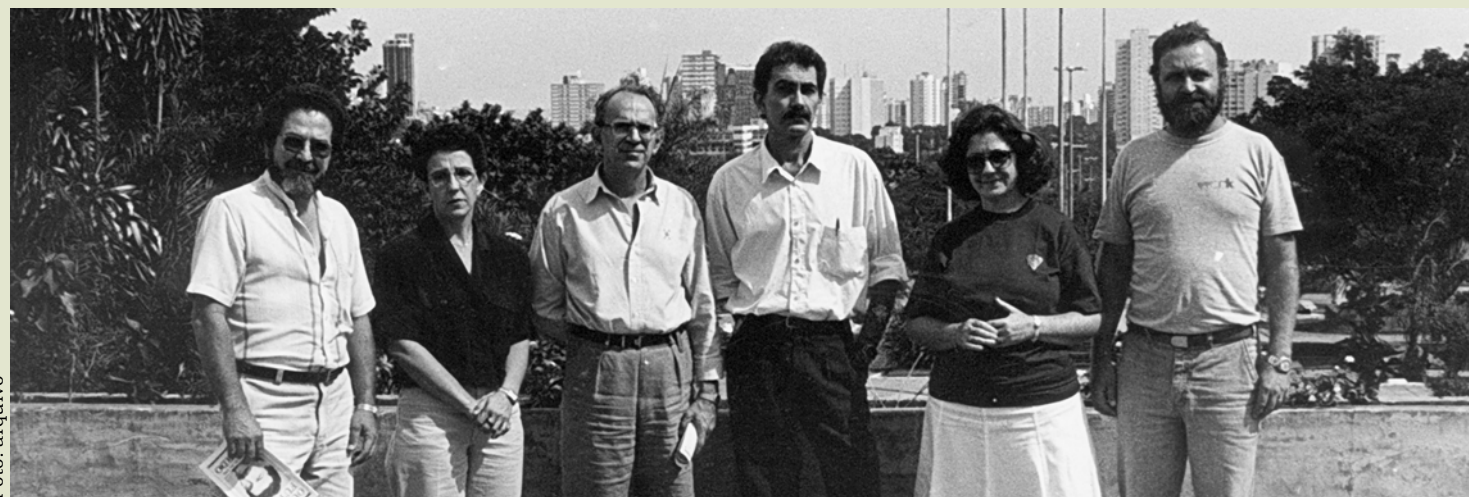


Foto: arquivo

Equipe administrativa elaborou um plano de trabalho com o objetivo de consolidar a UFG como a maior produtora de conhecimento do estado de Goiás

Bolsas de Iniciação Científica (Pibic). Foram 40 bolsas distribuídas somente em 1990. No ano seguinte, elas mais que dobraram, passando para 91. Como os bolsistas devem ser vinculados a pesquisadores cadastrados, foi criado um sistema de cadastro para os projetos desenvolvidos dentro da UFG. Com ele, a instituição pôde conhecer melhor a sua própria produção científica.

Paralelamente à inserção dos estudantes nas pesquisas, foi colocada em prática uma política de qualificação do quadro docente, que aumentou consideravelmente o número de doutores na instituição, e teve como ápice a criação do primeiro doutorado da região Centro-Oeste, em Agronomia. Ficou estabelecido, ain-

da, que os professores que tivessem trabalhos a apresentar em congressos teriam apoio da universidade, recebendo passagens e diárias. “Hoje isso é corriqueiro, mas naquela época não era. Foi uma ação importante para fortalecer o intercâmbio, a abertura da UFG para outras instituições e a produção de artigos científicos”, afirma o pró-reitor de Administração e Finanças da UFG, Orlando Amaral, que era coordenador de Assuntos Internacionais na gestão 1990/93.

A política de qualificação docente foi a base para que os grupos de pesquisa da UFG pudessem ser organizar e para que os laboratórios fossem montados. Com o crescimento da produção científica, a universidade conseguiu uma maior projeção

nacional e internacional, que gerou possibilidades de cooperação entre pesquisadores de áreas comuns. Foi Ricardo Bufaiçal, também, quem primeiro levantou a bandeira da criação da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Goiás, que veio a ser concretizada somente em dezembro de 2005.

Para as graduações, o maior desafio foi a reestruturação dos currículos dos cursos, que na gestão anterior haviam passado do sistema de créditos para o seriado anual. “Foi necessário repensar o tipo de profissional que a universidade queria formar e o lugar que ela devia ocupar na sociedade”, destaca Nazira de Fátima Elias, que era a pró-reitora de Graduação no período.

Ex-reitores e amigos dão seus testemunhos

PROFESSOR JOEL ULHÔA, EX-REITOR E PROFESSOR EMÉRITO DA UFG

Foi uma das pessoas mais éticas que conheci. Para ele, os interesses sociais e públicos estavam sempre acima dos interesses pessoais. Ricardo sempre viveu pelo compromisso com uma nova universidade, num tempo em que se construía um novo Brasil. Lutou para que se valorizasse a pesquisa e o ensino, e dessa maneira ajudou no desenvolvimento de novos laboratórios e na participação dos estudantes em atividades culturais. Para mim, essa é uma grande perda não apenas à universidade, mas também a Goiânia e ao estado de Goiás.

PROFESSORA MARIA DO ROSÁRIO CASSIMIRO, EX-REITORA E PROFESSORA EMÉRITA DA UFG

Ricardo, um “GENTLEMAN”

Ricardo Bufaiçal, um fidalgo! Não um coração de leão, mas um coração de cordeiro. Sensível, amável, dócil, distinto. Amante das artes, foi artista Na arte de administrar. Revelou-se administrador Sem defeito: cuidadoso, escrupuloso, minucioso, zeloso. Numa palavra: responsável. Honrou, com sua passagem pela Reitoria da UFG, o nome da

instituição e a Plêiade de Reitores que nela perfilaram e perfilam, desde 1960.

Amigo leal, nunca traiu, nunca ofendeu a quem quer que fosse. Seu nome brilhará entre as estrelas maiores, na história da Universidade Federal de Goiás.

PROFESSOR ARY MONTEIRO DO ESPÍRITO SANTO, EX-REITOR E PROFESSOR EMÉRITO DA UFG

A grande característica que sempre marcou o professor Ricardo foi o perfeccionismo com que ele desempenhou o seu trabalho. Com a coisa pública, trabalhou com muita responsabilidade e competência. O que eu lamento é que ele tenha nos deixado tão cedo, aos 62 anos de idade. Eu esperava que ele ainda fosse ter uma vida muito grande, para continuar na sua luta pelo crescimento da UFG.

PROFESSORA NAZIRA DE FÁTIMA ELIAS, PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO NA GESTÃO BUFÁIÇAL

Quando estamos muito envolvidos em um processo, não conseguimos vislumbrar a dimensão dos nossos feitos. Mas depois que a gente amadurece e revê, podemos percebê-los com clareza. E hoje eu vejo o tamanho dos avanços obtidos naquela época e a visão sofisticada que o Ricardo tinha da universidade. Ele era muito intelligen-

te, enxergava pontos que as pessoas não conseguiam ver. Tinha uma forma especial de administrar que vinha da sua personalidade, que era muito forte e dificilmente se abatia.

PROFESSORA MILCA SEVERINO PEREIRA, EX-REITORA DA UFG

Ricardo Bufaiçal muito contribuiu para a valorização da universidade pública gratuita no país e soube, na sua passagem pela Reitoria da UFG, honrar o compromisso de estimular o desenvolvimento da nossa região e do nosso país. Da sua natureza realizadora, a UFG e toda a sociedade ganharam com a ampliação da infra-estrutura da universidade, consolidada por várias obras. Da seriedade com que sempre tratou a educação superior, resultaram os estímulos à pesquisa e à pós-graduação.

PROFESSOR NÉLSON CARDOSO DO AMARAL, ASSESSOR ESPECIAL DA REITORIA DA UFG

O Ricardo foi uma pessoa que fez parte da minha formação, desde a adolescência. No ensino médio, suas aulas foram determinantes para que eu decidisse estudar Física, pelo seu entusiasmo com a disciplina, pela didática e pela inteligência forte. Também foi um incentivador para que eu fizesse pós-graduação. O que eu mais admirava nele era sua capaci-

dade de ver determinadas situações e detalhes que não eram comuns à percepção das pessoas. Era dotado de uma sagacidade de inteligência incomum, que saía do padrão.

PROFESSOR LÁZARO JOSÉ CHAVES, PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO NA GESTÃO BUFÁIÇAL

O Ricardo tinha uma inteligência marcante e um rigor de caráter muito forte. E ele levou esses traços da sua personalidade para seu trabalho na administração pública, onde sempre atuou com retidão e responsabilidade, além de ser extremamente hábil para encontrar soluções. A Universidade Federal de Goiás deve muito a ele por hoje ser uma instituição consolidada nas áreas de pesquisa e pós-graduação.

VENERANDO RIBEIRO DE CAMPOS, ASSESSOR DE RELAÇÕES PÚBLICAS DA UFG

Ricardo era uma figura muito interessante. Educado, ético, discreto, responsável, solidário, comprometido com a Universidade Federal de Goiás, com a causa ambiental e com a família. Sempre preocupado com as pessoas e com a coisa pública. Ricardo fazia questão de sempre envolver as pessoas nas discussões sobre as questões da UFG, do sindicato dos professores, do meio ambiente. Vamos sentir a sua falta, Ricardo. E muito.